

A PICTOGRAFIA E AS GLOSSOLALIAS DE ANTONIN ARTAUD

André Silveira Lage

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Palavras-chave: Antonin Artaud, pictografia, glossolalia

Pretendo retomar nesta comunicação alguns pontos essenciais do meu projeto de pós-doutorado intitulado *Antonin Artaud : pictografia e reinvenção anatômica*.¹ A própria noção de “pictografia” merece uma atenção particular. No seu artigo “Enlouquecer o subjétil”², Jacques Derrida recorre ao termo de “pictografia” para designar esta parte da obra de Artaud na qual a pintura, o desenho e a escritura “não toleram nenhuma parede divisória, nem a das artes nem a dos gêneros, nem a dos suportes nem a das substâncias.” Afirma que a escolha da palavra não reconduz a uma “proto-escritura na qual projetamos todos os nossos mitos de origem”, mas sugere, ao contrário, a idéia de uma trajetória, a “trajetória daquilo que *literalmente* está apto a atravessar o limite entre a pintura e o desenho, o desenho e a escritura verbal, de uma maneira geral, as artes do espaço e as outras” (DERRIDA, 1998: 47). Derrida trabalha a noção de “pictografia”, deslocando o seu sentido, circunscrevendo-o num território que pertence e excede as artes do espaço, o plano do visível. Para ele, a “pictografia” não é só vista, mas também escutada – *como música, enquanto música*:

Se se escuta a pictografia, e *como música, enquanto música*, é antes de tudo por certa força de penetração. Da mesma forma que o som penetra o ouvido e o espírito, o ato pictográfico atinge e bombardeia, perfura, percute e faz entrar, atravessa (DERRIDA, 1998: 55).

É esta noção de “pictografia” como música, ritmo, bombardeio, perfuração, percussão, “dilaceramento sonoro” que constitui o meu primeiro foco de interesse. Venho analisando seu funcionamento e seus efeitos nos textos e desenhos de Artaud, bem como sua estreita relação com os motivos essenciais da *cena do subjétil* (a travessia, o ato de atravessar o suporte inerte da representação, a palavra “através”, a expressão “abrir para si uma passagem”, o “entre”, a força de percussão e de projeção, o trabalho oblíquo que consiste em “minar”, “perfurar” e “limar” a folha, a letra, o muro, a “parede de ferro invisível”). Tais motivos foram formulados no trecho da carta de Van Gogh citada por Artaud no seu *Van Gogh, O suicida da sociedade*, e podem ser considerados como operações pelas quais Artaud *enlouquece* o “subjétil”.³

O termo “subjétil” é uma noção clássica da pintura, que pertence ao jargão da Renascença italiana. Designa o “suporte”, a “superfície”, o “material”, o “corpo único da obra em seu primeiro acontecimento, *no nascimento*”(DERRIDA, 1998: 29). Enquanto “suporte”, “material”, “receptáculo da obra”, o “subjétil” é, segundo as artes, o papel, a tela, a madeira, o mármore, etc. As estranhas cartas que Artaud envia a diversos correspondentes em 1937 e 1939 e que ele atribui o nome de sortilégios (*sorts*) são um exemplo emblemático desta vontade de “enlouquecer o subjétil” da qual fala Derrida.⁴ Missivas

conjuratórias ou agressivas que misturam escritura e desenho sob folhas de papel voluntariamente perfuradas e queimadas, eles são um instrumento de revolta, um novo espaço de contestação no qual a prática do desenho faz corpo com a prática da escritura. Escritos e desenhados, eles conjugam a potência imprecatória das palavras, a força visual dos signos gráficos e a experiência do fogo voluntariamente aplicado ao papel. Violentamente coloridos, perfurados, queimados, maculados e maltratados, eles são uma *operação mágica e cirúrgica*, “uma máquina que tem sopro”⁵, um projétil que transgredir um limite, que maltrata a pele das palavras, que deforma a língua, que desfigura a sintaxe, que age por perfuração, que atravessa a folha, a letra, o muro - e passa para o outro lado. O objetivo de tal operação? “Um exorcismo da maldição, uma vituperação corporal contra as obrigações da forma espacial, da perspectiva, da medida, do equilíbrio, da dimensão”⁶, escreve Artaud. Imensamente perigosos e mágicos, os sortilégios são responsáveis pela transformação da nossa maneira de conceber o ato de desenhar e de olhar. A força de dilaceramento que os atravessa não é somente gráfica. Deve ser também entendida como *trajetos sonoros, bombardeios, entonações, gritos*, que causam-nos por sua vez um impacto, um choque violento, algo como uma perfuração no nosso olhar.

Mas não é só isso. Que se trate dos sortilégios, dos “desenhos escritos”, dos retratos e autorretratos e das centenas de páginas dos cadernos de Rodez e de Ivry⁷, o movimento que os atravessa é sempre da mesma ordem: desenhar para Artaud não significa apenas representar por traços alguma coisa, é também submeter a língua à uma espécie de terremoto, de torção, de loucura. É forçar a gramática da palavra, destruir a autoridade da linguagem articulada, combater a língua a partir dela mesma. Nesse sentido, o “subjétil” é também a língua francesa. E Artaud faz com ela o que ele faz com o “subjétil”: ataca-a, faz-lhe uma cena, opera-a, maltrata-a em todos os sentidos. Ele faz a língua francesa entrar em crise, delirar. Essa *prática do enlouquecimento* da língua vai atingir seu grau máximo de intensidade, de vibração e de dissonância, com estes “vocábulos corporais”, estas “sílabas inventadas”, que são as glossolalias de Antonin Artaud.⁸ Transbordando a lógica da *língua-carcaça*, da *língua-código*, elas pulverizam o valor representativo da linguagem e são, como são também todos os seus desenhos retratos, palco do *Teatro da Crueldade*. É esta *relação* entre a problemática do desenho (perfurar o suporte, desfigurar o rosto humano) e a problemática da língua (enlouquecer a língua) que constitui o segundo foco de minha pesquisa. É a partir dela que analiso também o tema da reivindicação revolucionária de um novo corpo humano. Corpo infinitamente potencial, com poder de explodir, em luta contra a arte, a organização do organismo, a representação, a língua-carcaça e deus. Corpo indissociavelmente poesia-desenho-teatro. Em outros termos, tento mostrar como as glossolalias e os desenhos e retratos de Antonin Artaud retomam e relançam o poder do *Teatro da Crueldade*, o poder de fazer “dançar a anatomia humana” que é também o poder de *refazer o corpo*.

¹ Este projeto está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em *Letras: Estudos Literários* (Pós-Lit/UFMG), na linha de pesquisa *Literatura e outros sistemas semióticos*, sob a supervisão da Profa. Dra. Márcia Arbex.

² Este estudo foi publicado originalmente em alemão (THÉVENIN, Paule & DERRIDA, Jacques, *Antonin Artaud – Zeichnungen und Portraits*. München: Shirmer/Mosel, 1986), e, logo em seguida, em francês (*Antonin Artaud: Dessins et portraits*. Paris: Gallimard, 1986). Em 1998, Geraldo Gerson de Souza propôs a tradução para o português do “Enlouquecer o subjétil” (*Forcerner le subjectile*), publicando-a pela Editora Unesp. Ressalto também a importância da conferência *Artaud le Moma*, pronunciada no dia 16 de outubro de 1996, no *Museum of Modern Art* de New York, na abertura da primeira grande exposição mundial das pinturas e dos desenhos de Artaud : *Antonin Artaud : Works on Paper*. Esta conferência foi publicada, em 2002, pelas Edições Galilée com o título *Artaud le Moma Interjections d’appel*.

³ Van Gogh nesta carta escreve: “O que é desenhar? Como se chega a isso? É a ação de abrir para si uma passagem através de uma parede de ferro invisível, que parece estar entre o que se sente e o que se pode. Como se deve atravessar esta parede, porque de nada adianta bater forte nela, deve-se minar essa parede e atravessá-la com a lima, a meu ver lentamente e com muita paciência”. *Ibidem*, p. 51.

⁴ Privilegio o estudo do corpus de seis “sortilégios” reproduzido no livro *Antonin Artaud: Dessins et portraits*. Paris: Edições Gallimard, 1986. Trata-se da seguinte série: *Sort à Lise Deharme (05/09/1937)*, *Sort à Jacqueline Breton (17/09/1937)*, *Sort à Léon Fouks (08/05/1939)*, *Sort à Sonia Mossé (14/05/1939)*, *Sort à Roger Blin (22/05/1939)*, *Sort à Hitler (setembro 1939)*.

⁵ ARTAUD, Antonin. Catálogo *Dessins*. Paris : Edição do Centre George Pompidou, 1987, p. 24.

⁶ *Ibidem*, p. 18.

⁷ Ver a este propósito os seguintes livros : *Antonin Artaud : 50 dessins pour Assassiner la magie*, Paris: Gallimard, 2004 e *Antonin Artaud : Cahier (Ivry, janvier 1948)*, Paris: Gallimard, 2006. Estas duas edições foram organizadas por Évelyne Grossman.

⁸ Segundo o dicionário Aurélio, a palavra glossolalia designa o dom sobrenatural de falar línguas desconhecidas. No seu artigo “Les silences de la voix”, Jean-Jacques Courtine examina por sua vez a história e a estrutura da glossolalia, mostrando-nos suas diversas manifestações, disseminadas em campos distintos do conhecimento – religioso, patológico e poético - e dispersas às margens das instituições eclesiástica, clínica, científica e literária. (Ver sobre este assunto a revista *LANGAGES*, número 91, Paris : setembro 1988, p. 7-25).

Bibliografia

ARTAUD, Antonin. Catálogo *Dessins*. Paris : Edição do Centre George Pompidou, 1987.

ARTAUD, Antonin. *50 dessins pour Assassiner la magie*, Paris: Gallimard, 2004.

ARTAUD, Antonin. *Cahier (Ivry, janvier 1948)*, Paris: Gallimard, 2006.

COURTINE, Jacques. “Les silences de la voix”, *Langages*, número 91, Paris : setembro 1988.

THÉVENIN, Paule & DERRIDA. *Dessins et portraits*. Paris: Gallimard, 1986.

DERRIDA, Jacques. *Enlouquecer o Subjétil*, São Paulo: Editora Unesp, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Artaud le Moma Interjections d’appel*. Paris: Galilée, 2002.